

Raul Leal, o filósofo “futurista” de Orpheu

Manuela Parreira da Silva

Resumo

Pretende-se, com este artigo, lembrar uma figura relevante no universo de *Orpheu*, à qual não tem sido dada a devida e merecida atenção. Importa salientar como o contributo de Raul Leal para a história “órfica” vale, fundamentalmente, pela originalidade do seu pensamento e das suas propostas no plano de um Futurismo doutrinário, de feição esotérica, de que constitui exemplo maior o conceito inédito de uma obra de arte total, a que chamou “Astralédia”.

Palavras-chave: Paracletianismo, futurismo, modernismo português, Orpheu, astralédia.

Abstract

It is the aim of this article to remember a relevant figure in the *Orpheu* universe, someone who hasn't received the due attention he deserves. It is important to emphasize how the contribution Raul Leal made to *orphic* history must be fundamentally valued by the originality of his thinking and of his propositions in the field of a doctrinal Futurism, with an esoteric nature, a major example of which is the unheard of concept of a total work of art he named “Astralédia”.

Keywords: Paracletianism, futurism, Portuguese modernism, Orpheu, astraledia.

Raul Leal, o filósofo “futurista” de *Orpheu*

Manuela Parreira da Silva

Raul Leal (1886-1964) é, sem dúvida, um dos autores menos conhecidos de *Orpheu*. Apesar de alguns artigos que muito recentemente lhe têm sido consagrados, continua a não merecer grande atenção. As razões são múltiplas. Por um lado, a sua obra literária, escassa e em grande parte escrita em francês, apresenta, como, de resto, a obra ensaística, um cariz marcadamente esotérico, denso, pouco acessível ao leitor comum e até ao mais habilitado. Por outro lado, as suas concepções filosóficas, de uma “portentosa originalidade (portentosa!)”, no dizer de Pinharanda Gomes, talvez nunca tenham encontrado uma forma adequada de serem traduzidas. A linguagem obscura, a falta de elaboração formal, a complexidade do seu pensamento “teometafísico” e profético contribuíram para o isolamento do artista e filósofo. Lembre-se, a propósito, a opinião expressa (em carta para Pessoa, datada de 31 de Agosto de 1915) por Mário de Sá-Carneiro, acerca da novela “Atelier”: “O limite da fraqueza, deve ser a novela do Dr. Leal inserta no *Orfeu* 2. Daí para baixo nem... nem poemas interseccionistas do Afonso Costa” (Sá-Carneiro, 2001: 204)”. A confissão é por demais elucidativa, para se perceber que, literariamente falando, Leal não poderia aspirar a um lugar relevante na história “órfica”.

Contudo, numa outra carta de 5 de Novembro do mesmo ano, Sá-Carneiro escreve: “O que diz do Leal, curioso e certo, creio. É muita pena que o rapazinho seja um pouco *Orfeu* de mais” (*ibid.*, 234). E, na mesma carta, comenta ainda, referindo-se a Guilherme de Santa-Rita: “O Santa-Rita filósofo e a falar de tempos relativos e absolutos é de morrer de gozo! Claro que Leal anda na história. Mas não deve ter escrito nem ditado o texto. Deve ter falado. E o nosso pintor confusionado, temperado, condimentado. Admirável!” (*ibid.*)

Retiremos daqui duas ideias fundamentais: para Sá-Carneiro, Leal era “*Orfeu* de mais”, mas era também uma referência, enquanto filósofo, pelo menos, filósofo da palavra falada, ainda que não fosse muito levado a sério.

Ser “Orfeu de mais” pode significar, desconhecendo nós as palavras de Fernando Pessoa que motivaram o comentário de Sá-Carneiro, que Raul Leal, de algum modo, se excede, provavelmente no seu *modus* de ser social e politicamente incorrecto.

De facto, Raul Leal até gozou de bastante notoriedade pública, nem sempre pelos melhores motivos, no período que se seguiu à publicação da revista *Orpheu* (1915) até, pelo menos, ao início da ditadura (1927). Sublinhe-se que as citadas cartas de Sá-Carneiro foram escritas na altura em que se preparava o n.º 3 de *Orpheu*.

Monárquico convicto, nascido que foi numa família de ascendência nobre, por parte da mãe, Raul Leal recebe a República com alguma intolerância e atitude muito crítica, à semelhança, aliás, dos seus pares modernistas. Sinal da sua fúria contra a política protagonizada por Afonso Costa é o violento panfleto intitulado *O Bando Sinistro* (1915), impresso clandestinamente com a ajuda de Santa-Rita Pintor. Raul Leal, conta-se, lança-o da galeria superior do antigo café Martinho (ao Rossio), “fazendo as folhas esvoaçarem e inundarem – provocatoriamente – o chão e as mesas do café” (Leal, 1989: 25). Aí, foca “a ancia fervente com que Costa, chefe do bando, imitar procura os mais insignificantes gestos do Grande Rei que foi D. Carlos I”, interrogando-se como “póde um elemental de lama elevar-se á beleza divina d’um príncipe?” (Leal, 2015, 184).

O pendor para a provocação e para o escândalo está muito presente nesta fase da sua vida, na qual o excesso e a luxúria constituem também pedra de toque. Numa altura em que na sociedade portuguesa se vive um ambiente de grande perturbação e agitação política e social, não admira que, pouco depois daquele seu acto de rebeldia, Leal tenha tido algum receio de perseguição e tenha decidido auto-exilar-se em Espanha. Na sua carta de 27 de Novembro de 1915, Sá-Carneiro pede-pergunta a Pessoa: “Quando o Dr. Leal partir diga-me. Mas que vai ele fazer a Sevilha? Você sabe? E parece-lhe que ele arranjou dinheiro?” (Sá-Carneiro, 2001, 244.)

Deste exílio, sem dinheiro e sem saúde, num quarto alugado⁵², dá conta numa longa carta datada de Dezembro, dirigida a Fernando Pessoa e enviada de Toledo:

Agora por exemplo a minha dívida sobe a mais de um mês. Como poderei aguentar isso? Em breve a mulher corre comigo e terei de sofrer além da fome todos os horrores do frio e da neve que tem sido abundante. Porque eu não tenho agasalho algum, a camisola é de seda, é pois finíssima, o fato não é muito forte e os meus sobretudos há muito que os perdi! (...) como sou forçado a mudar de roupa só de

⁵² Não deixa de ser surpreendente toda esta situação, se atendermos a que era oriundo de um família de elevados recursos económicos. A verdade é que Leal, tendo recebido uma avultada herança, a desbaratou em gastos sumptuários, que incluíam roupas caras, hotéis de luxo, jantares regados a champanhe, como terá acontecido em 1914, quando de uma viagem a Paris, para assistir à estreia da ópera *Parsifal*.

oito em oito dias visto possuir apenas duas peças de cada uma, tiro-a todos os domingos num estado miserável de porcaria tanto mais que tendo constantemente no corpo furúnculos e feridas sifilíticas estas encham de pus e de sangue tudo o que está em contacto com elas. O Espírito cada vez brilha mais mas através duma crescente decomposição da matéria e da vida. (Vasconcelos, 1989: 197)

Já numa carta de Janeiro do mesmo ano, enviada esta a Mário de Sá-Carneiro que, impressionado com o seu estado de degradação física e mental, por sua vez, a envia a Fernando Pessoa, se pode ver como Raul Leal se expõe como metáfora viva da Guerra que, então, percorre a Europa:

E a guerra abominável que devasta a Europa acompanhando lugubrememente a que se trava em mim ainda mais mal se faz. O Ideal Prussiano é o mais terrível inimigo da Vertigem. [...] Quando os Exércitos Prussianos triunfam sou Eu que me debato então numa agonia lúgubre, quando alguns revezes Êles sofrem a Minha Alma, Toda a Minha Vida se anima. [...] E assim o estado actual da Guerra é o estado da minha alma senão ainda da minha vida. (*ibid.*: 94-95)

Todo o seu corpo é, portanto, uma espécie de campo de batalha onde se digladiam forças poderosas: a força da degradação e a força da criação. Isto mesmo transparece na carta de Dezembro:

E não calcula como foi gigantesca a criação estonteante do meu Espírito durante os meses de Agosto e Setembro contra a depressão enorme em que a miséria galopante me queria prostrar. Ele cada vez resplandeceu por sobre as Trevas apodrecidas da minha existência material! E à medida que Ele ilumina mais e mais a alma a minha vida se enterra cada vez mais no charco dessa podridão ignominiosa. (*ibid.*: 106)

Raul Leal assume-se, por assim dizer, como uma personagem paúlca e decadente, que confessa:

O Diamante tornou-se Vidro, o Sol degenerou em Luar... Os meus lenços, dum brilho assetinado e transparente, que eu, em tempos comprei no Charvel, surgem hoje esfarrapados e é assim que os posso usar ainda...! Que decadência, que mil horrores!!... Em breve, andrajosamente me cubrirei de farrapos sangrentos de seda e ouro... (*ibid.*: 101)

Esta transfiguração da miséria em ouro, esta alquimia que a escrita torna possível, corresponde, no fundo, ao sacrifício da matéria para que o Espírito possa triunfar. E o seu

Espírito transborda, num desejo excessivo de transcendência, como as suas palavras permitem perceber:

De abismo em abismo espiritual cada vez me entranharei em Mim que Me erguendo à Pura Harmonia, à Condensação Pura da Força, à Condensação em Si, Força em Si, Todo finalmente Me Transcenderei... E assim, pouco a pouco a Minha grande Ambição se realizará! (*ibid.*: 104)

Raul Leal, dir-se-ia, faz da sua vida – numa “performatividade travestida”⁵³ – o romance que nunca chegou a escrever e com o qual nunca pôde contribuir para o movimento de *Orpheu* – o romance futurista por excelência. Um não-existente romance que a polícia dos costumes teria apreendido, como fez com o seu opúsculo *Sodoma Divinizada* (1923), publicado pela editora Olisipo de Fernando Pessoa, por acusação de obscenidade.

A polémica que opõe, então, Fernando Pessoa e o crítico Álvaro Maia, nas páginas da revista *Contemporânea*, é conhecida. Maia ataca impiedosamente Fernando Pessoa por ter ousado defender, num artigo inserto no n.º 3 da revista (Julho de 1922) com o título “António Botto e o Ideal Estético em Portugal”, o livro de Botto, *Canções*, igualmente editado pela Olisipo.

Raul Leal terá ficado insatisfeito por Fernando Pessoa não ter respondido à letra a Álvaro Maia e resolve ele próprio tomar o seu papel, ele que, já em 16 de Novembro de 1922, fizera sair no jornal *O Dia*, um artigo elogiando também a poesia de Botto, “António Botto e o Sentido Íntimo do Ritmo”.

A tomada de posição de Raul Leal em favor dos dois amigos, a sua defesa, é feita, precisamente no opúsculo intitulado *Sodoma Divinizada*, num estilo incendiário e blasfemo:

A propósito da bela individualidade de António Botto, o sr. Maia ataca a luxúria e a pederastia, Obras Divinas. Incapaz de sentir os prazeres altíssimos da Carne-Espírito que o Verbo consagrou, ataca-os de uma forma vil e tola. Como a Razão herética, filha da Serpente e de Anticristo, contraria o delírio da carne divinizada que é uma expressão de loucura bestialmente espiritual a negar a Razão, sacrílega anti-Loucura, anti-Vertigem, o Sr. Maia, esquecendo-se de que o racionalismo é filho dos últimos séculos de heresia e livre exame, enaltece-o encomiasticamente só para satisfazer a sua bília contra a Vertigem luxuriosa na Vida, antítese da Razão. (1989: 75)

⁵³ Expressão utilizada por Anna Klobucka, na sua conferência “Sonetos com manteiga e Lorca em Lisboa: Para uma revisão do contexto modernista dos estudos pessoanos”, Colóquio Internacional “O dia triunfal de Fernando Pessoa”, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 6-8 de Março de 2014.

Raul Leal acicata ainda mais a ira dos moralistas, escrevendo também um manifesto, *Uma Lição de Moral aos Estudantes de Lisboa e o Descaramento da Igreja Católica*, no qual considera que “as perversões sexuais só serão indignas se forem realizadas de uma forma reles e se não se pensar noutra coisa que não seja o Vício” (Leal, 1989, 106). Leal expõe-se aqui com alguma ingenuidade, terminando com um forte ataque à Igreja Católica:

Mas a excomunhão sacrílega que do Vaticano Me for lançada, sobre toda a Igreja Católica há-de cair impiedosamente. Se o papa me excomunga, Eu excomungo o papa! (*ibid.*: 119)

O resultado disto é a troça, a acusação de paranóia e o enxovalho público de que Raul Leal é alvo, sobretudo por parte dos estudantes de Lisboa, o que leva Fernando Pessoa a intervir, em sua defesa, com uma outra folha intitulada *Sobre um Manifesto de Estudantes*, na qual elogia o génio especulativo e metafísico de Leal e se solidariza com ele, face ao “insulto da canalha”.

Se o papel desempenhado por Raul Leal no movimento desencadeado pela revista *Orpheu* (1915) se afirma, como acabamos de verificar, pelo lado mais exterior e escandaloso, confirmando, nesta perspectiva, ser “Orfeu de mais”, não podemos deixar de considerar que, em termos artísticos, ele trouxe também algum contributo. A própria “novela vertiginica”, “Atelier”, a que já me referi, foi, em 2011, objecto de uma análise aprofundada num artigo de Pedro Martins - “Futurisme, peinture et occultisme chez Raul Leal” (2011: 53-65). O autor encontra em “Atelier” a afirmação dos princípios fundamentais do Futurismo, considerando que o protagonista da história, Luar (inverso de Raul...), se afigura como um “autoportrait futuriste” de Leal, fazendo notar que aquele nome lembra “le manifeste le plus symbolique et mythique de Marinetti intitulé “Tuons le Clair de Lune” (...). Or, dans le récit, Luar est symboliquement tué (...)” (*ibid.*: 59).

Apesar da “fraqueza” decretada por Sá-Carneiro, a novela de Leal conjuga a estética futurista com a matriz esotérica do seu pensamento (Pedro Martins encontra o eco de um instrumento de magia, usado pelos pintores, sobretudo nos séculos XVIII e XIX – o espelho negro, cujos atributos Leal teria transposto para a sua novela).

Esta conjugação é, de resto, visível em muitos outros escritos, produzindo, por vezes, um desequilíbrio que, não só afecta a qualidade literária da obra, como desfavorece a eficácia do seu discurso doutrinário.

A adesão de Raul Leal ao Futurismo reinante na Europa ultrapassa, porém, em muito a dos amigos Mário de Sá-Carneiro e Fernando Pessoa, bem menos entusiastas, e apresenta um carácter pessoal e surpreendente.

Para Raul Leal, o Futurismo de Marinetti revela-se estreito, preso de uma ortodoxia que o leva a preconizar o banir da alma das criações antigas, em vez de “combiná-la, fundi-la com as tendências mais acentuadamente, mais extremamente modernistas, actualizando-a portanto”, ou a condenar a Vida do Eu e a Vida do Espírito que, no seu entendimento, “podiam e deviam subsistir através das mais arrojadas realizações futuristas de forma que estas *e todo o seu dinamismo intrínseco* se animizassem, impregnando-se da mais alta espiritualidade, até mesmo mística”, conforme afirma em “As Tendências Orfaicas e o Saudosismo” (1959: 21).

Foi isto, precisamente, diz também Leal, que tentou demonstrar ao próprio Marinetti, na exposição que lhe fez das suas “concepções futuristas, ou antes, ultrafuturistas como a Astralédia, fusão absoluta, *substancial* (...) de todas as artes” (*ibid.*), numa carta enviada em 1921.⁵⁴

A autoria desta carta começou por ser atribuída a Fernando Pessoa, por Georg Lind e Jacinto do Prado Coelho. Assim a publicam (c. 1966), na versão dactilografada e incompleta, em inglês, encontrada no espólio pessoano, fazendo-a acompanhar de uma tradução para português. Algum tempo depois desta publicação, o já citado ensaísta Pinharanda Gomes demonstra, de modo inequívoco, a verdadeira autoria da carta. A linguagem usada, as referências à Igreja Paracletiana, remetem-nos de imediato para Raul Leal, auto-designado Henoch, profeta do Espírito Santo (o Divino Paracleto). Lembre-se que na citada carta de Dezembro de 1916 a Fernando Pessoa, Raul Leal, no jeito excessivo que lhe é peculiar, assim se proclamara já, escrevendo:

O precursor do Divino Paracleto, a Vertigem, que no nosso século se espera sou Eu, uma grande vitória alcançarei sobre a Águia Prussiana, Génio do Anticristo, Génio Absoluto do Limite que assim se dissipará e erguendo o Mundo ao Deus que ele lhe envia, o Próprio Deus enfim, Me Tornarei!! (Vasconcelos, 1989, 103.)

Aduz ainda Pinharanda Gomes, em seu favor, o artigo atrás referido, inserto na revista *Tempo Presente* (n.º 5, Setembro de 1959), no qual o próprio Raul Leal, para além de reafirmar ter

⁵⁴ Supõe-se que Raul Leal travou conhecimento com Marinetti em Paris, em 1914.

escrito essa carta em 1921, transcreve a calorosa resposta (em francês) de F.T. Marinetti, considerando-a uma “lettre très importante” (*ibid.*: 76).⁵⁵

Pinharanda Gomes sublinha no seu texto que leu com muito interesse a versão portuguesa da versão inglesa, com a sensação de estar a ler Raul Leal vertido para inglês e de novo para português, tendo-se interrogado de imediato se “a versão inglesa não seria uma versão da carta originalmente portuguesa, ou mesmo francesa” (1969: 74).

Com efeito, o original da carta existe no espólio pessoal da Biblioteca Nacional de Lisboa: 37 páginas manuscritas, com a característica caligrafia de Raul Leal, em francês, num francês nem sempre impecável.

Curioso é que Pessoa tenha traduzido apenas uma pequena parte desta longa carta quase inédita, certamente não com o intuito de ser enviada a um destinatário que tão bem conhecia a língua francesa, nem sequer para clarificar alguns pontos da “difícil” escrita de Leal, já que a tradução segue de muito perto a letra do original. O objectivo deverá ter sido outro. E é possível também que a carta, ela própria incompleta, apesar da sua dimensão, não seja mais do que uma versão ou rascunho da que foi realmente enviada a Marinetti.

As cerca de seis páginas traduzidas por Pessoa permitem, no entanto, dar uma ideia muito aproximada do essencial da doutrina que Raul Leal, no seu estilo caótico e repetitivo, quis transmitir a Marinetti.

Aquilo que Leal sugere a Marinetti é que o Futurismo deve ousar buscar não apenas a razão “physique, extérieure, superficielle, empirique” das coisas, mas a sua razão “métaphysique, intime, profonde, abimique” (E3/113F-6). E este estado transcendente de Abstracção em que o Ser se ultrapassa a si mesmo “est bien un état de pur Vertige dans lequel on dépasse la Raison” (*ibid.* 7), “o estado supremo da Vertigem”, que mais não é do que o espírito santo animador de tudo o que existe, a “suprema Síntese”.

Raul Leal propõe, por isso, algo que diz faltar também ao Futurismo: uma Religião e uma Igreja feitas à sua medida:

C'est donc une nouvelle Religion et une nouvelle Église que Je veux annoncer et l'une et l'autre ont tout-à-fait le caractère de futuristes. La domination du Vide dans un esprit pur de Relatif-Créer, l'Indécision-Vertige de tout, le glissement pur des formes-fantômes qui se perdent les unes dans les autres tout labyrinthiquement et d'une façon

⁵⁵ Note-se que num artigo do n.º 2 da revista *Contemporânea*, logo em 1922, “A derrocada da técnica”, Raul Leal alude ao facto de ter sustentado as suas ideias “numa carta a Marinetti, fundador do Futurismo” (p. 61).

bien vertigique, tout ça est bien futuriste. *Et c'est une Gloire pour le Futurisme que la Religion elle-même sache profiter de ses enseignements.*

L'Église Paracletienne dont la foundation Dieu M'ordonne d'annoncer, c'est une Église essentiellement Futuriste! Et levons donc l'étendart sanglant de la Révolte contre la charogne du Vatican!!... (ibid.:5)

Leal profetiza um novo Reino, uma Teocracia Paracletiana, um mundo governado por um Supremo Pontífice-Mago cuja acção deverá ser exclusivamente teúrgica, divinizando, pela sua presença, as almas de todos os homens.

Segundo Leal, a Idade industrial e da máquina, que os futuristas marinettianos tanto prezam, desaparecerá. Deixarão também de fazer sentido todos os infantilismos da terra. Um deles é, por exemplo, a atracção pelo inexpressivo e pelo vazio num plano estritamente físico, essa sensibilidade de “music-hall” que atribui a Marinetti. Em vez disso, o que propõe e anuncia é uma “violência de luxúria astral”, um “misticismo supremo” que leve a “reconnaitre Dieu et le Saint-Esprit dans les choses de l'Existence Vertigiquement abstractionnalisée” (ibid.: 19).

Será esta luxúria divina e astral o fundamento da atmosfera artística paracletiana, pois que, nesta nova Idade, a arte terá de ser necessariamente uma arte diferente, total.

Na parte final da carta, Leal fornece a Marinetti uma antevisão dessa obra de arte única, misto de representação cénica, de celebração religiosa e ritual iniciático, que apelida de Astralédia – um drama-teatro quase universal representado num “temple-théâtre” (que pode ser também uma cidade inteira) e intitulado “Vide-Fantôme de Dieu-Vertige”:

Voilà peut-être le commencement: dans un cri abstrait tout plein d'anxiété spirituelle on entendra le mot “Moi” (...). Ensuite, et en se continuant avec le cri, on entendra une voix profonde de basse qui dira en vague ondulation ces mots: « Abîme-Vide-Infini en Abstraction-Vertige ». Tout de suite on entendra un autre cri avec une tonalité intermédiaire (entre celle du premier cri et celle de la voix); dans ce cri le mot “Au-delà” doit être expulsé d'une façon presque explosive. (...) Cet état de transcendance auquel nous nous levons en nous dépassant nous-mêmes, exprime bien un pur Au-delà. (...) Et le calme mystiquement anxieux et lâche de toutes les églises chrétiennes doit disparaître pour donner lieu à des vertigiques et labyrinthiques violences astrales d'Infini: tout le temple-théâtre développement vertigique de l'Astralédie, doit surgir presque en suspension, c'est-à-dire, dans l'air. (ibid.: 34, 35, 36)

A transcrição destas palavras não será, porventura, suficiente para podermos entender, com clareza, em que consistiria uma proposta artística tão radicalmente nova. Uma vez mais, é inegável que, para Raul Leal, arte e religião se conjugam; são, no fundo, uma e a mesma coisa.

Para o filósofo paracletiano, fusão é, de resto, uma ideia-chave. De “fusionismo” nos fala justamente Fernando Pessoa, num pequeno apontamento em que se ocupa do sistema filosófico lealino, a que chama também um “transcendentalismo do Transcendente”, envolto “na linguagem confusa, perplexa, propriamente e explicavelmente vertigosa do próprio sistema”, pois que seria impossível que “quem concebeu tal sistema o pudesse exprimir claramente” (2011, 220-221).

Presumo que Marinetti (ele que, em breve, se tornaria membro da Academia Italiana...), pese embora a resposta calorosa e a longa correspondência (perdida, *bélas!*) que Raul Leal afiança, por diversas vezes, ter trocado com ele, talvez não tenha captado o verdadeiro alcance profético e místico desta carta, nem o espírito artisticamente revolucionário e a originalidade da proposta de um Futurismo-Síntese feita pelo filósofo de *Orpheu*.

Referências

- GOMES, Pinharanda (1969) “Fernando Pessoa, pensador (Na publicação dos Inéditos em Prosa)”, in *Pensamento Português*, vol. I, Braga, Editora Pax, 70-78.
- LEAL, Raul (1922) “A derrocada da técnica”, *Contemporânea*, n.º 2: 60-63.
- ____ (1959) “As Tendências Orfaicas e o Saudosismo”, *Tempo Presente*, Revista Portuguesa de Cultura, n.º 5, Setembro: 17-24.
- LEAL (HENOCH), Raul (1989) *Sodoma Divinizada*, org., introd. e cronologia de Aníbal Fernandes, Lisboa, Hiena Editora.
- LEAL, Raul (2015) “O Bando Sinistro”, in *Os Caminhos de Orpheu*, Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal / Babel.
- MARTINS, Pedro (2011) “Futurisme, peinture et occultisme chez Raul Leal”, in Maria Graciete Besse (coord.), *Le Futurisme et les Avant-gardes au Portugal et au Brésil*, Argenteuil, Éditions Convivium Lusophone, 53-65.
- PESSOA, Fernando Pessoa (2011) *Cartas astrológicas*, Ed. Paulo Cardoso, com colaboração de Jerónimo Pizarro, Lisboa, Bertand Editora.
- SÁ-CARNEIRO, Mário de (2001) *Cartas a Fernando Pessoa*, Ed. Manuela Parreira da Silva, Lisboa, Assírio & Alvim.
- VASCONCELOS, Mário Cesariny de (1989) *O Virgem Negra. Fernando Pessoa Explicado às Crianças Naturais & Estrangeiras*, Lisboa, Assírio & Alvim.